



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS ANTIRRACISTAS:
POSSIBILIDADES E EMERGÊNCIAS A PARTIR DAS PRÁTICAS DO PRÊMIO
EDUCAR PARA IGUALDADE RACIAL (CEERT)¹**

Maíra Pires Andrade²

Resumo: Passados 18 anos da implementação da Lei Federal 10.639/03, legislação fruto de uma longa trajetória de luta dos movimentos negro, o quadro da sua implementação segundo diversos estudos ainda surge com desafios e obstáculos a serem superados (PEREIRA, 2017; JANZ; CERRI, 2015). No lado oposto deste panorama, temos desde 2002 a constituição de um arquivo de referência de ações antirracistas exitosas no espaço escolar, as práticas pedagógicas premiadas pelo Prêmio Educar para a Igualdade Racial, este organizado pelo CEERT e que teve sua primeira edição em 2002, antes da implementação da Lei e a sua última edição até o momento, em 2015. A existência desse acervo, que reúne mais de 2300 práticas pedagógicas positivas, evidencia possibilidades concretas de efetivação desta Lei no espaço escolar e ainda demonstra como é possível realizar boas experiências. O objetivo desta pesquisa de doutorado em andamento (na PUC-SP) é mapear, analisar e potencializar as práticas finalistas do Prêmio Educar para a Igualdade Racial (2002-2015), de modo a evidenciar que apesar de continuidades e de ausências no espaço escolar, existem práticas pedagógicas que configuram importantes emergências (GOMES, 2018; SANTOS, 2006) que descentram as narrativas eurocêtricas (HALL, 2014) e racistas na sala de aula e que devem ser visibilizadas e reconhecidas como relevantes práticas pedagógicas decoloniais (WALSH, 2013).

Palavras-chave: Educação, antirracismo, Lei 10.639/03, CEERT.

AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DO PRÊMIO EDUCAR PARA IGUALDADE RACIAL

Passados 18 anos da Lei 10.639/03, o quadro da sua implementação segundo diversos estudos, ainda surge com desafios e obstáculos a serem superados (PEREIRA, 2017; JANZ; CERRI, 2015). Seja em relação aos materiais didáticos disponibilizados, pela formação dos professores, pela historiografia tradicional ou pela própria estrutura da escola. No lado oposto deste panorama de dificuldades, há desde 2002 a constituição de um acervo de

¹ Este artigo é um recorte de uma pesquisa de doutorado em desenvolvimento na PUC-SP.

² Doutoranda em História social, PUC-SP, mairaandrdep29@gmail.com



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL **HISTÓRIA DO TEMPO** **2021** PRESENTE UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



referência de práticas pedagógicas antirracistas exitosas no espaço escolar como as práticas do *Prêmio Educar para a Igualdade Racial*, este organizado pelo Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (CEERT), que teve sua primeira edição em 2002, antes da implementação da Lei e a sua última edição até o momento, em 2015, e que constitui o escopo central dessa pesquisa.

A existência desse acervo, que reúne mais de 2300 práticas positivas, evidencia possibilidades concretas de efetivação de práticas antirracistas no espaço escolar e ainda demonstra como é possível realizar boas experiências. Devido a sua importância, este recebeu o reconhecimento do MEC como umas das mais substanciais ações da sociedade civil em prol do combate ao racismo.

Esta pesquisa, recorte de uma tese de doutorado, tem como intenção refletir sobre as práticas de referência selecionadas pelo *Prêmio Educar para a Igualdade Racial*³, que nos possibilitam problematizar eixos estratégicos de implementação de uma educação antirracista. Práticas que vão na contramão daquelas instituídas no currículo regular.

Trato aqui do acervo de práticas pedagógicas do CEERT, como um arquivo, um local responsável por abarcar esse rastro documental, que é iniciado pelas intenções de conservação e vontade de memória da instituição inaugurando o ato de fazer história (RICOUER, 2007). As práticas pedagógicas arquivadas no acervo on-line do CEERT⁴ podem ser descritas da seguinte forma: a base de dados é organizada a partir de um filtro de busca por edição do Prêmio, categoria professor ou escola, ou a série, educação infantil, ensino fundamental I, II ou ensino médio. A partir desse filtro de seleção o acervo mostra os resultados das práticas pedagógicas finalistas e vencedoras a partir dos seus títulos, região do Brasil e categoria, ambas juntas na mesma página, de modo a valorizar igualmente as boas ações. Ao escolher uma prática, abre-se uma nova página em que é descrito em forma textual o objetivo da prática pedagógica, as atividades desenvolvidas, a metodologia, os resultados alcançados, os professores e gestores responsáveis e fotos das ações.

A análise destas é realizada no sentido de demonstrar alternativas possíveis e concretas de implementação de uma educação antirracista e delinear as condições de possibilidade de esperança, a fim de definir princípios de ações que promovam a realização dessas condições. A partir das práticas pedagógicas veremos estratégias que são traduzidas do

³ Com a intenção de facilitar a leitura, no decorrer da tese utilizei apenas o termo Prêmio.

⁴ As práticas se encontram disponíveis no site <https://ceert.org.br/>



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL **HISTÓRIA DO TEMPO** **2021** PRESENTE UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



saber do movimento negro ao espaço escolar para romper com as lógicas de não existência e se configuram como alternativas à razão indolente e emergem para deslocar os saberes universalizantes (SANTOS, 2002).

Sousa (2002) nos indica que um dos caminhos possíveis é o processo de ruptura epistemológica e política, isto é, embasados numa crítica as saberes universais hegemônicos, devemos nos desafiar a criar e reinventar novas práticas pedagógicas a fim de abrir novos horizontes de possibilidades de incorporação da diversidade e das relações étnico raciais nos currículos escolares. Esse processo de ruptura nos leva ao entendimento do que Catherine Walsh (2017) chama de pedagogias decoloniais, isto é, práticas insurgentes que tensionam esse saberes próprios do paradigma da modernidade/colonialidade, mas que aqui cumprem um papel que perpassam dimensões além do decolonial.

É por isso que estas práticas pedagógicas são chamadas nessa pesquisa de transgressoras, conceito apropriado de bell Hooks (2017), pois nascem da interação entre diversas perspectivas, teorias e posturas compartilhadas com as chamadas pedagogias decoloniais (WALSH, 2017), anticoloniais, pós-coloniais, crítica feminista e a pretagogia (PETIT, 2015), cada uma iluminando e abraçando a outra.

Alguns conceitos são mobilizados de forma mais evidente em cada prática, como o caso do uso da *sensibilidade e do respeito*, estes se destacam, sobretudo nas primeiras edições do Prêmio e na modalidade da Educação Infantil como um objetivo a ser atingido. A prática *Combate ao racismo na educação infantil*⁵ da 1ª edição teve como primeiro objetivo o foco na ideia de sensibilização da comunidade escolar para com o tema racial, na medida em que foram realizadas “Reunião com a equipe de funcionários da creche para sensibilização sobre o tema. Reunião com os pais das crianças para o envolvimento dos mesmos no projeto.”⁶

O ponto da sensibilização surge como um elemento substancial entre a 1ª e 4ª edição do Prêmio, como um primeiro passo a ser alcançado nesse contexto. A crueldade perversa do sistema racista torna difícil encontrar modos de expressar os sofrimentos sentidos pela população negra, dessa forma, exige da pedagogia gestos de desobediência que trazem a tona a percepção desse sistema, e o primeiro passo identificado nas práticas é por meio da

⁵ Acervo Prêmio Educar para Igualdade Racial. **Combate ao racismo na educação infantil**. 1ª edição. Educação Infantil. Categoria professor. Minas Gerais. CEERT, 2002. Disponível em: <<https://ceert.org.br/premio-educar/pratica/160>> Acesso em 06 de set. de 2019.

⁶ Ibidem.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL **HISTÓRIA DO TEMPO** **2021** PRESENTE UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



sensibilização, aproximação e familiarização dos estudantes em relação ao racismo (HOOKS, 2019).

A prática pedagógica da 2ª edição intitulada de *Etnociência: visões de mundo e cosmologias indígenas*,⁷ com o intuito de contribuir para a conscientização entre os estudantes das diferenças e da diversidade nos inúmeros âmbitos, seja ele, cultural, étnico, cosmológico ou religioso, realizou debates e oficinas voltadas para a sensibilização do olhar dos estudantes a partir do estudo de conceitos-chaves como etnia, identidade, pluralismo, cosmovisão, ciências e cientificismo.

Debate sobre o tema gerador: “beleza na diferença e unidade na **diversidade**”. • Construção dos objetivos e identificação dos conceitos: etnia e identidade; pluralismo; cosmovisão; ciência e cientificismo; era industrial e sociedades capitalistas ocidentais. • Realização de oficinas de “**sensibilização** do olhar” com exibição dos vídeos: “Ilha das Flores”; “O dia em que Dorival encarou a guarda”; “Acorda Raimundo” e trechos do filme “A missão”.⁸

Nas duas práticas vemos a repetição do conceito de *sensibilidade* e de *diversidade*, estes tão mencionados quando o assunto é relações raciais. Bell Hooks (2019) se apropriando das literaturas do escritor afro-americano James Baldwin⁹, em que este narra a sua dificuldade para descrever os horrores vivenciados pelos negros, aponta os obstáculos para encontrar linguagens que expressem e teorizem a experiência negra. Isto principalmente frente a um complexo sistema de representações que buscam estereotipar, exotizar, erotizar ou tornar ausentes os negros, é árdua a tarefa tanto dos pensadores negros como dos educadores para quebrar com o modelo de pensar, ver e sentir hegemônico na sociedade, de modo a criar novas formas para o negro se ver e para os demais, sobretudo brancos, verem os negros e a questão racial.

Para Santos (2002) toda experiência social produz conhecimento, sendo prioritário identificar essa circulação de saberes que veem do pensamento negro. James Baldwin e Bell Hooks (2019) a partir de suas experiências sociais produzem epistemologias capazes de

⁷Acervo Prêmio Educar para Igualdade Racial. **Etnociência: visões de mundo e cosmologias indígenas**. 2ª edição. Ensino Fundamental II. Categoria professor. Rio de Janeiro. CEERT, 2004. Disponível em: <<https://ceert.org.br/premio-educar/pratica/142>> Acesso em 06 de set. de 2019.

⁸Ibidem. Grifo do autor.

⁹ Bell Hooks menciona a obra: BALDWIN, James. **Da próxima vez, o fogo-** o racismo nos Estados Unidos. Trad. De Christiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro: Biblioteca Universal Popular, 1967.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



transpor e traduzir para a sala de aula formas de expressar e narrar a experiência inenarrável do racismo. Djamila Ribeiro (2019) argumenta que refletir sobre soluções e estratégias é tornar a particularidade do racismo em nosso país, no seu fator invisível e camuflado, visível e suscetível de ser questionado, um aprendizado que vem das estratégias de luta do movimento social. Isto obriga o educador a buscar novas maneiras de escrever, falar e ensinar sobre raça e identidade, apesar da complexidade desta exigência, como num ato de desobediência vemos através das práticas do prêmio a emergência de estratégias que desafiam o colonialismo (SANTOS, 2002).

A tradição oral presente em diversas sociedades africanas¹⁰ é mais que apenas o uso da palavra falada, mas são formas de expressão, são gestos, ritmos, músicas, danças, vivências, formas de passar o conhecimento através da oralidade e ancestralidade. Diante de um currículo eurocêntrico e colonial que atribui valor somente ao conhecimento escrito e científico, cada vez mais fica difícil no Brasil tornar curricular o saber advindo da cosmovisão africana. Apesar da dificuldade, esta é mais próxima da escola, do que podemos visualizar. A cosmovisão africana é repassada de modo explícito ou implícito através das conversas familiares, nas práticas religiosas, nos hábitos sacralizados, em ações de solidariedade, em grupos comunitários, na arte, nas festas populares da comunidade e até mesmo nas brincadeiras infantis e aí vêm a necessidade de localizar esses saberes. Mas como esse conhecimento pode ser apropriado na sala de aula? (PETIT, 2015)

Sandra Petit (2015) em sua obra criou o conceito de Pretagogia, uma pedagogia alicerçada nos valores da cosmovisão africana como a oralidade, a corporeidade, a religiosidade, musicalidade e a circularidade. A autora aponta que estes valores fornecem outra leitura e ótica do mundo sendo uma estratégia de combate ao racismo na sala de aula e a formação da identidade negra.

O respeito a religiosidade e a identidade foi tratado na prática da 2ª edição *Raça e etnicidade: resistência e desafios dos negros na sociedade de ontem e de hoje*¹¹ a partir da importância de “Ressaltar a influência e a importância da religiosidade africana como

¹⁰ A tradição oral não é uma característica homogênea do continente africano, isto é, nem todo o continente utiliza e valoriza a oralidade e a ancestralidade, essa afirmação é imprescindível para não cair em generalizações (OLIVA, 2007).

¹¹ Acervo Prêmio Educar para Igualdade Racial. **Raça e etnicidade: resistência e desafios dos negros na sociedade de ontem e de hoje**. 2ª edição. Ensino Fundamental II. Categoria professor. Pará CEERT, 2004. Disponível em: <<https://ceert.org.br/premio-educar/pratica/146>> Acesso em 06 de set. de 2019.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO 2021 PRESENTE UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



símbolo de afirmação da identidade negra na sociedade brasileira. Despertar o respeito ao diferente e à diversidade étnico-religiosa¹².” O mesmo foi feito na prática da 4ª edição *Os Príncipes do Destino*¹³ que teve como enfoque a religiosidade do povo Iorubá com o intuito de “apresentar uma manifestação religiosa de origem africana, no caso, do povo Iorubá, com naturalidade – em oposição à visão pejorativa que grande parte da sociedade tem da religião africana.”¹⁴

No entrelaçamento entre religiosidade e cosmovisão africana a praticada 6ª edição *“Arte e Cultura fazem uma Bela Mistura!”*¹⁵ trouxe a tona a “Leitura da história infantil *Epé Laiyé – Terra Viva de Mãe Stella de Oxóssi*, proporcionando o contato das crianças com os deuses da natureza (orixás).”¹⁶ As atividades realizadas apontaram que as descobertas sobre os deuses da natureza “Os Orixás” mostraram como a criança pode conhecer e participar ativamente da sua cultura de uma forma livre, autêntica e sem discriminações, além de aprender de uma maneira alegre, criativa e desafiadora.

A prática *Afoxé Ayó Delê*¹⁷ demonstrou e contextualizou o afoxé para além de apenas um ritmo musical, mas na sua intersecção com o canto, a dança e a corporeidade, o valor do toque do instrumento, a sacralidade e a religiosidade.

Toda semana é realizado o encontro. As atividades desenvolvidas fazem parte do Ensaio do Afoxé e produção de adereços do cortejo: • Roda de dança do Ijexá, cantos em língua yorubá, percussão com atabaque, djembê, agogô, xequerê, caxixi e berimbau; amarração de panos, ojas, filás e torços para cabeça; confecção de colares e pulseiras, máscaras e outros adereços que compõem o desfile; • Em todo encontro é contado um mito africano e finaliza com o banquete cultural com ajeum, comida africana; • Estas atividades, além de ser uma aprendizagem, proporcionam às crianças e adultos a consciência e a valorização da memória e do patrimônio cultural, de forma individual e coletiva¹⁸

¹² Ibidem.

¹³ Acervo Prêmio Educar para Igualdade Racial. **Príncipes do destino**. 4ª edição. Ensino Fundamental I. Categoria professor. São Paulo CEERT, 2008. Disponível em: <<https://ceert.org.br/premio-educar/pratica/81>> Acesso em 06 de set. de 2019.

¹⁴ Ibidem.

¹⁵ Acervo Prêmio Educar para Igualdade Racial. **Arte e Cultura fazem uma Bela Mistura!** 6ª edição. Educação infantil. Categoria professor. Bahia. CEERT, 2012. Disponível em: <<https://ceert.org.br/premio-educar/pratica/22>> Acesso em 06 de set. de 2019.

¹⁶ Ibidem.

¹⁷ Acervo Prêmio Educar para Igualdade Racial. *Afoxé Ayó Delê*. 6ª edição. Ensino Fundamental I. Categoria escola. Goiás. CEERT, 2012. Disponível em: <<https://ceert.org.br/premio-educar/pratica/32>> Acesso em 06 de set. de 2019.

¹⁸ Acervo Prêmio Educar para Igualdade Racial. *Afoxé Ayó Delê*. 6ª edição. Ensino Fundamental I. Categoria escola. Goiás. CEERT, 2012. Disponível em: <<https://ceert.org.br/premio-educar/pratica/32>> Acesso em 06 de set. de 2019.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL **HISTÓRIA DO TEMPO** **2021** PRESENTE UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Nesta prática além do afoxé, houve a execução de rodas de danças de Ijexá, canto em yorubá e o uso de instrumentos de percussão como o ataque e o agogô. Petit (2015) aponta que as danças de matriz africana numa leitura afro ancestral significa a valorização de uma visão circular do mundo, um modo de conexão com a ancestralidade, algo que é perspectivado também nas vivências de roda, muito utilizadas em sala de aula. Nas rodas de danças por meio do encontro dos corpos, há a emergência de valores como solidariedade e pertencimento, a dança junto com a musicalidade dos instrumentos trazem a tona a possibilidade de cantar as belezas da vida.

A dança, como nos lembra Frantz Fanon (2005) é para os colonizados uma forma de expressão e de se desprender das amarras da colonialidade, como um círculo de proteção e de libertação. Ensinar esses valores e estimular isso como uma possibilidade de aprendizagem é uma forma de contribuir para a busca de uma identidade negra e para o combate ao racismo.

Na direção de uma prática pedagógica transgressora, os projetos inconformistas e questionadores das narrativas hegemônicas que dominam o conhecimento, são o primeiro passo que conduzem a essa pedagogia. Isto pode ser feito de diversas formas através do que Santos (2002) denomina como um projeto emancipador, ou em outras palavras, aquele que tem como meio embrionário um conflito, uma ação desestabilizadora dos padrões epistemológicos hegemônicos.

Vemos, sobretudo a partir da 3ª edição e de forma consolidada na 5ª edição, práticas que utilizam a estratégia do diálogo com os saberes locais da comunidade entorno da escola. A prática *Vila África – Resgate Histórico e Cultural de uma comunidade Afro-brasileira*¹⁹ teve como foco apreender a história da comunidade de Vila África onde esta localizada a escola, uma comunidade afro-brasileira. A prática *História de negros do Baixo Amazonas: Bom Jardim, estudo de caso de uma comunidade negra em busca da sua identidade quilombola – período de 1996 a 2006*²⁰, refletiu sobre o conceito de quilombo a partir das experiências da comunidade de Bom Jardim, uma comunidade quilombola próxima da escola.

¹⁹ Acervo Prêmio Educar para Igualdade Racial. **Vila África – Resgate Histórico e Cultural de uma Comunidade Afro-brasileira**. 3ª edição. Ensino Médio. Categoria professor. São Paulo. CEERT, 2006. Disponível em: <<https://ceert.org.br/premio-educar/pratica/123>> Acesso em 06 de set. de 2019.

²⁰ Acervo Prêmio Educar para Igualdade Racial. **História de negros do Baixo Amazonas: Bom Jardim, estudo de caso de uma comunidade negra em busca da sua identidade quilombola – período de 1996 a 2006**. 5ª



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Na esteira de uma pedagogia transgressora, a ascensão da memória atrelada a história local e ao ensino de história é uma importante estratégia de aprendizagem. O conhecimento da história fornece ao estudante a apreensão do seu entorno identificando o passado, presente e futuro em cada espaço na escola, na casa e na comunidade. Esta história se opõe a história dita como “oficial” dos grandes heróis, das datas, fatos políticos e personagens vindos da elite, a história dita como colonial, eurocêntrica e branca.

Todas estas práticas elencadas reforçam uma postura de questionamento e de um pensamento crítico a história oficial. Catherine Walsh (2017), ao estabelecer os liames de uma pedagogia decolonial, embasada em Paulo Freire (1967; 1974) afirma que a educação é o oposto da acomodação e caminha no sentido da intervenção e da contestação. O ato de educar é um ato político, nesse sentido, a educação como um ato de descentramento se torna um importante instrumento para denunciar a realidade e anunciar novos caminhos, novas histórias e novos sujeitos. É nesse âmbito que a contestação das narrativas históricas tradicionais se tornam uma estratégia fundamental.

A história local caminha no entendimento da história das pessoas comuns do cotidiano, no entanto estas histórias se entrecruzam, se aproximam e se relacionam com as histórias oficiais. A busca por esta história local pode ainda correr o risco de configurar-se como uma história dos poderes locais, das elites, mas o que veremos nas práticas aqui analisadas são as memórias e a história local que parte da memória da família, dos trabalhadores, dos mais velhos, daqueles que dificilmente são ouvidos (BITTENCOURT, 2011).

*A prática Redescobrimo e Valorizando nossa História na perspectiva da Pluralidade Cultural*²¹ tratou do patrimônio histórico cultural do município de Pinheiros, no Maranhão, na intenção de reavivar a negritude na memória de uma localidade de maioria negra. A prática *Campo Grande do Piauí e sua Africanidade*²² voltou-se para a busca dos traços de africanidades na comunidade de Campo Grande. O processo chamado de epistemicídio por

edição. Ensino Médio. Categoria professor. Pará. CEERT, 2010. Disponível em: <<https://ceert.org.br/premio-educar/pratica/51>> Acesso em 06 de set. de 2019.

²¹Acervo Prêmio Educar para Igualdade Racial. **Redescobrimo e Valorizando nossa História na perspectiva da Pluralidade Cultural**. 5º edição. Ensino Médio. Categoria professor. Maranhão. CEERT, 2010. Disponível em: <<https://ceert.org.br/premio-educar/pratica/53>> Acesso em 06 de set. de 2019.

²²Acervo Prêmio Educar para Igualdade Racial. **Campo Grande do Piauí e sua Africanidade**. 5º edição. Ensino Médio. Categoria escola. Piauí. CEERT, 2010. Disponível em: <<https://ceert.org.br/premio-educar/pratica/72>> Acesso em 06 de set. de 2019.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL **HISTÓRIA DO TEMPO** **2021** PRESENTE UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Santos (2002) é explorado e ampliado por Sueli Carneiro como a impossibilidade do negro ser um sujeito do conhecimento, incidindo inclusive na ocultação do seu legado para o patrimônio cultural, elemento aprofundado através destas práticas pedagógicas. Há nestas práticas distintas formas de transgredir o que Abdias do Nascimento (2016) chama de genocídio do negro, prática que aniquila o seu povo tanto nos seus aspectos morais, culturais, históricos ou epistemológicos, seja pela valorização da história, do patrimônio ou dos traços culturais.

Portanto o que observamos é o diálogo com as próprias populações que por muito tempo foram subalternizadas e silenciadas e a mudança do status destas de objeto de conhecimento para sujeito do conhecimento, configurando o que chamaremos de ecologia dos saberes. Essa dimensão implica a presença de sujeitos, não objetos, mas sujeitos que falam, pensam, criticam, analisam e configuram conhecimentos e epistemologias, implica considerar a existência de sujeitos e saberes da ambos os lados da linha abissal, do norte ao sul global.

As práticas pedagógicas que apresentam essa estratégia buscam a partir de diversos recursos e suportes instrumentalizar os alunos para a percepção das “lutas e conquistas de direitos pelos negros no Brasil²³,” como destacou a prática da 3ª edição *Projeto batuque*²⁴. Estes recursos podem ser desde apresentação das leis implementadas, dos direitos alcançados, e da importância do exercício da cidadania. Djamilia Ribeiro (2019) assinala para a necessidade de não apenas ser antirracista, mas de exercer uma vigilância e cobrança contínua sobretudo no âmbito da execução dos dispositivos legais. A prática *Ética, política e cidadania: educar para a igualdade racial*,²⁵ se ateve a implementação das leis que regulamentaram as ações afirmativas tendo como objetivos:

Conhecer as políticas de ações afirmativas, seus objetivos e suas implementações. Conhecer e respeitar as divindades afro-brasileiras. Conhecer e valorizar o ser humano, independentemente de cor, etnia e credo. Conhecer e praticar a ética, a política e a cidadania.²⁶

²³ Acervo Prêmio Educar para Igualdade Racial. **Projeto batuque**. 3ª edição. Ensino médio. Categoria professor. Tocantins. CEERT, 2006. Disponível em: <<https://ceert.org.br/premio-educar/pratica/118>> Acesso em 22 de set. de 2019.

²⁴ Ibidem.

²⁵ Acervo Prêmio Educar para Igualdade Racial. **Ética, política e cidadania: educar para a igualdade racial**. 2ª edição. Ensino médio. Categoria professor. Mato Grosso do Sul. CEERT, 2004. Disponível em: <<https://ceert.org.br/premio-educar/pratica/152>> Acesso em 22 de set. de 2019.

²⁶ Ibidem.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL **HISTÓRIA DO TEMPO** **2021** PRESENTE UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Para tal desenvolvimento as atividades envolveram palestras e debates sobre a importância das cotas raciais e também sobre a Lei 10.639/03. Para Ribeiro (2019) o racismo estrutural existente em nosso país resulta nas entre a população negra no acesso a educação, nesse aspecto o debate gera em torno não na ausência de capacidade, mas na falta de oportunidade. É por isso que, mesmo que as desigualdade entre brancos e negros ainda sejam em grandes escalas, as políticas públicas que convertem antigas reivindicações em lei denotam o seu potencial transformador em direção a uma sociedade mais justa.

Toda a ação dos saberes e conhecimentos sistematizados por intelectuais e ativistas do movimento negro se tornam dispositivos políticos legais, como as ações afirmativas, a Lei 10.639/03, a atuação dos movimentos sociais, das organizações das mulheres negras e a denúncia da violência contra as comunidades quilombolas. Nesses entremeios, há uma abordagem que não se foca no mundo da escravidão, mas que permeia todos os âmbitos da história e cultura africana e afro brasileira e das relações raciais exaltando as reivindicações que tomaram corpo em forma de dispositivos políticos legais, como as leis.

A estratégia de visibilização dos dispositivos legais foi alinhada a importantes ações de enfoque nas leis, políticas públicas e a construção de espaços e canais de discussões, essenciais para o exercício pleno da cidadania como a metodologia usada na Prática *Projeto de Fortalecimento da Identidade Cultural Local*:²⁷ “seminários com estudantes; visitas comunitárias e debate sobre a Lei 12.288; Exibição de vídeos e realização de seminários sobre políticas afirmativas; Palestras e seminários elaborados e produzidos pelos estudantes.”²⁸

Nessa perspectiva, a prática *Cidadania, Memórias e Tradições Afrodescendentes*²⁹ tratou do exercício da cidadania e o seu papel no combate ao racismo: “Ampliar o conceito de cidadania, discutindo questões como respeito à diversidade, preconceito, direitos e inclusão.”³⁰

²⁷ Acervo Prêmio Educar para Igualdade Racial. **Projeto de Fortalecimento da Identidade Cultural Local**. 6ª edição. Ensino médio. Categoria escola. Bahia. CEERT, 2012. Disponível em: <<https://ceert.org.br/premio-educar/pratica/37>> Acesso em 06 de set. de 2019.

²⁸ Ibidem.

²⁹ Acervo Prêmio Educar para Igualdade Racial. **Cidadania, Memórias e Tradições Afrodescendentes**. 6ª edição. Ensino médio. Categoria escola. São Paulo. CEERT, 2012. Disponível em: <<https://ceert.org.br/premio-educar/pratica/36>> Acesso em 06 de set. de 2019.

³⁰ Ibidem.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL **HISTÓRIA DO TEMPO** **2021** PRESENTE UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Determinadas noções e conceitos construídos pelas narrativas da trajetória de luta do movimento negro emergem através das práticas pedagógicas. Na prática da 2ª edição *Percepção e valorização do ser, uma perspectiva de raça/etnia e gênero*³¹, a noção de igualdade, tão recorrente no senso comum da sociedade, passa a ser desconstruída e problematizada, já que esta camufla a realidade marginalizada em que vive a população negra e invisibiliza as relações de poder que permeiam a sociedade. Se no início da luta do movimento negro se falava em igualdade racial, nos últimos anos se destaca a valorização da diferença entre os diversos grupos raciais e se reivindica uma igualdade de direitos, uma nítida narrativa ensinada e pleiteada pelo movimento negro.

Aprofundar os debates acerca do que é ser negro na sociedade brasileira. Contribuir para a desconstrução da noção, presente no senso comum, de igualdades raciais e de gênero. Reconstruir uma identidade que valorize os aspectos da cultura afro-brasileira.³²

Essa reflexão que aparentemente é simples impulsiona discussões próprias dos movimentos sociais. Destaco como esta prática irá introduzir conceitos incorporados numa gramática própria para pensar as relações raciais, ao mesmo tempo em que as alinha e entrelaça com as questões de gênero, apontando uma importante articulação entre estes eixos, conexão essencial para apreensão de um letramento racial (TWINE, 2004).

Com isso, destaco que considero as atividades aqui mencionadas como práticas pedagógicas transgressoras, na medida em que entendo o termo pedagógico, como um conjunto de práticas, de estratégias e de metodologias com as quais se fortalece a construção das resistências e das insurgências, sendo estas práticas a serviço de lutas sociais, políticas, ontológicas e epistêmicas de libertação conformando o termo transgressor. Essas dimensões foram identificadas a partir dos saberes identitários, estético corpóreos, ecologia dos saberes e políticos que deram os contornos e as direções para a configuração de estratégias direcionadas a um ato de transgressão, de modo a não significar apenas uma inclusão curricular, mas um processo de mudança epistemológica.

³¹ Acervo Prêmio Educar para Igualdade Racial. **Percepção e valorização do ser, uma perspectiva de raça/etnia e gênero**. 2ª edição. Ensino Médio. Categoria professor Sergipe. CEERT, 2004. Disponível em: <<https://ceert.org.br/premio-educar/pratica/155>> Acesso em 22 de set. de 2019.

³² Ibidem.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



É significativo denotar que como num processo as práticas foram desenvolvendo complexas formas, posturas e atitudes a favor de uma educação antirracista. Isto é, se estas começaram se consolidando por meio das estratégias sensibilização, gradualmente surgiram outras estratégias cada vez mais alinhadas a uma postura transgressora. O envolvimento e a valorização da comunidade ao redor da escola para construção das histórias e memórias é um exemplo dessa consolidação que se avulta com o entendimento da importância de tornar estes elementos um dispositivo legal e um direito, para além da relevância da denuncia dos crimes racistas em nosso cotidiano.

Relacionando os critérios de seleção dos pareceristas do CEERT com as práticas avaliadas é oportuno observar a aproximação com estes critérios. As práticas da 1º edição num exercício ainda inicial se utilizaram de estratégias de fácil acesso, inovadoras para o contexto de 2002, e que foram realizadas ao longo prazo do ano letivo. Todas de algum modo envolveram a família dos alunos na prática, sejam solicitando fotos dos familiares ou através do desenho da família, atividade que foi significativo em edições posteriores.

No decorrer das edições esses critérios são aprofundados e ampliados nas práticas o que é constatado no próprio desenvolvimento dos eixos estratégicos aqui elencados. É possível notar um avanços a partir das práticas da 2º edição, realizadas após as discussões de implementação da Lei 10.639/03, estas emergem articulando mais eixos estratégicos de modo inovador, como o uso da corporeidade e da estética, e com um grande alcance ao longo prazo na comunidade escolar. O critério de seleção referente ao envolvimento da comunidade é percebido de modo acentuado a partir da 3º edição e, sobretudo a partir da 5º edição com as análises do tópico da ecologia dos saberes que reuniu as estratégias do diálogo dos saberes e o movimento social na sala de aula. Estas práticas todas realizados num espaço de tempo longo que ia de um mês, um bimestre ou um semestre, não se restringindo a uma única aula ou um único momento.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALBERTI, Verena. **Ouvir Contar: textos em história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.) **Fontes Históricas**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2006, p.155-202.

AMADO, Janaina. A culpa nossa de cada dia: ética e história oral. Dossiê Ética e História Oral. **Projeto História**. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo: EDUC, abril de 1997, vol. 15.

AMARAL, Arleandra Cristina Talin do. **A infância pequena e a construção da identidade étnico: potenciais e limitações sob o olhar do professor**. 225 f. Doutorado em Educação – UFPR, Curitiba, 2013.

ANTONACCI, Maria Antonieta. História pedagogia em “lógica oral”: Hall e o “Espectáculo do outro.” In: **Projeto História**. Revista do Programa de Pós Graduação em História e do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo. EDUC, V. 56, 2016.

ANTONACCI, Maria Antonieta. **Memórias ancoradas em corpos negros**. São Paulo: EDUC, 2013.

BÂ, Amadou Hampaté. A tradição viva. In: Ki-Zerbo, J. (Coord.) **História Geral da África**. Metodologia e Pré-História da África. 2010.

BENTO, Maria Aparecida Silva. Entrevista concedida a Maíra Pires Andrade. 11 de maio de 2019, CEERT, São Paulo.

BENTO, Maria Aparecida Silva. Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. 2014. Disponível em: <://www.geledes.org.br/branquitude-o-lado-oculto-discurso-sobre-o-negro-cida-, pp. 507-530.bento/#ixzz4CaomSvKQ> Acesso em: 30 de jun. de 2016.

DE ALMEIDA, Silvio Luiz. **O que é racismo estrutural?**. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

GOMES, Nilma Lino. Diversidade e currículo. In: **Indagações sobre currículo: diversidade e currículo** / [Nilma Lino Gomes] ; organização do documento Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. – Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, RJ. Vozes, 2017.

GOMES, Nilma Lino. RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS, EDUCAÇÃO E DESCOLONIZAÇÃO DOS CURRÍCULOS. **Currículo sem Fronteiras**, v.12, n.1, pp. 98-



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



109, Jan/Abr 2012. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/11/curr%C3%ADculo-e-rela%C3%A7%C3%B5es-raciais-nilma-lino-gomes.pdf>> Acesso em: 06 de set. e 2019.

GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural? **Revista Brasileira de Educação**. Set/Out/Nov/Dez 2002 Nº 21

HOOKS, Bell. **Olhares negros: raça e representação**. Editora Elefante.2019.

KILOMBA, Grada. “The Mask”. In: **Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism**. Münster: Unrast Verlag. 2. Auflage, 2010.

PETIT, Sandra Haydée. **Pretagogia: Pertencimento, Corpo-Dança Afroancestral e Tradição Oral Africana na Formação de Professoras e Professores – Contribuições do Legado Africano para a Implementação da Lei 10639/03**. Fortaleza, EdUECE, 2015.

QUILOMBO: vida, problemas e aspirações do negro. Rio de Janeiro, ano I, n. 1, 09 dez. de 1948, 8 p.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Boaventura Souza. Para um sociologia das ausência e uma sociologia das emergências. **Revista crítica de ciências sociais**. 63, Outubro, 2002, p.237-280. Disponível em:

<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1710535/mod_resource/content/1/Boaventura.pdf> Acesso em 02 de set. de 2019.

TRINDADE, Azoilda Loretto (org.). **Africanidades brasileiras e educação** [livro eletrônico]: Salto para o Futuro. Rio de Janeiro: ACERP; Brasília: TV Escola, 2013.

TRINDADE, Azoilda Loretto. Valores civilizatórios afro-brasileiros na educação infantil. In: **Revista Valores Afro-brasileiro na Educação**. Boletim 22, nov. 2005. Brasília: MEC/Tv Futura.pp.30-37.

TWINE, France Widdance. A white side of black Britain: The concept of racial literacy. **Ethnic and Racial Studies**, 27 (6), 878-907.2004.

VOLDMAN, Danièle. A invenção do depoimento oral. In: FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaína (orgs). **Usos & Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006

WALSH, Catherine. **Pedagogías Decoloniales: Práticas Insurgentes de resistir, (re)existir e (re)vivir**. Serie Pensamiento Decolonial. Editora Abya-Yala. Equador, 2017